



Vanda Fortuna Serafim¹

Introdução

Os discursos sobre os intelectuais associam-se a um erro comum, a uma falsa generalização: atribui à insensatez falar dos intelectuais como se eles pertencessem a uma categoria homogênea e constituíssem uma massa distinta. Embora com diversos nomes, os intelectuais sempre existiram ao lado do poder econômico e político como poder ideológico, sobre as mentes pela produção de ideias e sua transmissão. Toda a sociedade tem seus detentores do poder ideológico. Detentores estes que expressam os anseios do meio social onde estão inseridos (BOBBIO,1997).

Nesse sentido, a proposta em compreender a relação entre ciência, ideias e crenças na produção de intelectuais de brasileiros a fim de compreender a história e cultura afro-brasileiras deve partir, ao meu entender, de um “pensamento complexo”, ou seja, deve reconhecer que o sujeito humano estudado está incluído no seu objeto de estudo; e que concebe, inseparavelmente, a unidade e a diversidade humanas; concebe as dimensões ou aspectos, atualmente separados e compartimentados, da realidade humana, que são físicos, biológicos, psicológicos, sociais, mitológicos, econômicos, sociológicos, históricos; concebe o homo não apenas como *sapiens, faber e economicus*, mas também como *demens, ludens e consumans*; que junta às verdades separadas e que se excluem; alia a dimensão científica e as dimensões epistemológicas e reflexivas; e finalmente, dá sentido às palavras perdidas e esvaziadas nas ciências. (MORIN, 2005 b).

A pesquisa partirá inicialmente de Arthur Ramos, podendo agregar por meio da orientação de iniciações científicas outros autores. Arthur Ramos (1903 - 1949) estudou Medicina na Bahia e ficou conhecido entre os colegas por seu interesse pela psicanálise. Lia Freud, Levi Bruhl e em sua tese de doutorado e livre-docência trabalhou as temáticas “Primitivo e Loucura” (1926) e “A sordície dos Alienados, ensaio de uma psicopatologia da imundície” (1928). Dentre seus temas de interesse inicial, pode-se destacar o suicídio de crianças e a paranoia ambulatória. (CORRÊA, 2001).

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente no Departamento de História e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.



Ainda em 1928, Arthur Ramos, foi nomeado médico-legista do Instituto Nina Rodrigues, por Bernardino Madureira de Pinho, chefe da polícia baiana, ficando também responsável por organizar um plano de manicômio judiciário, do qual ele deveria assumir a direção. Ramos reanimou a sociedade fundada por Nina Rodrigues, agora com o nome de Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia, obtendo apoio dos sócios para a instalação de uma seção autônoma para estudar e controlar os assuntos referentes à Psicanálise. (CORRÊA, 2001).

Depois da “revolução” de 1930, Arthur Ramos transferiu-se para o Rio de Janeiro onde, com apoio de alguns conterrâneos e colegas mais velhos e estabelecidos, pode impulsionar sua carreira. Chegando ao Rio em 1933, conseguiu ser nomeado chefe do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental; e em seguida assumiu a cadeira de Psicologia Social da Universidade do Distrito Federal. (CORRÊA, 2001). É deste período, que datam a publicação dos primeiros livros de sua autoria, que exemplificam tanto sua área de atuação na universidade e fora dela, quanto a orientação teórica que as norteava: *Freud, Adler, Jung* (1933); *Psiquiatria e Psicanálise* (1933); *Educação e Psicanálise* (1934); *O negro brasileiro. Etnografia religiosa e psicanálise* (1934); *O Folk-lore negro do Brasil. Demopsicologia e Psicanálise* (1935); *Introdução a Psicologia Social* (1936) e *Loucura e Crime no Brasil* (1937). E são justamente, algumas destas obras que nos permitem pensar as crenças afro-brasileiras sob o olhar de Arthur Ramos.

A partir de 1937, a preocupação com os estudos das relações raciais começam assumir uma importância cada vez maior em sua produção intelectual, e Arthur Ramos passa a se definir, cada vez com mais frequência, como antropólogo; sendo nomeado, em 1939, professor de Antropologia e Etnografia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Em 1946, se tornaria, por concurso, catedrático de Antropologia e Etnologia na Faculdade Nacional de Filosofia, recebendo o título de Doutor em Ciências Sociais. No ano de sua morte, foi convidado para dirigir o Departamento de Ciências Sociais na UNESCO, onde apesar de sua curta permanência, foi fundamental para a consolidação do apoio para novas pesquisas sobre relações raciais que o Brasil recebia naquele momento. (CORRÊA, 2001).

Polêmico, por ser um defensor de Nina Rodrigues, Arthur Ramos afirmava que se substituíssem nos trabalhos daquele, o termo ‘raça’ por ‘cultura’ e ‘miscigenação’ por ‘aculturação’, suas discussões adquiririam completa e perfeita atualidade. Ao estudar, a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil, Mariza Corrêa (2001) aponta

incompatibilidades teóricas entre os dois. Apesar de se auto-definir discípulo de Nina Rodrigues, Arthur Ramos, acabaria incorporando outras versões do tema das relações raciais, de Silvio Romero a Gilberto Freyre, à sua própria versão, quase uma metáfora do ‘mosaico cultural’ que era sua definição da sociedade brasileira. Constatamos um tanto óbvia, à medida que Ramos escreveria três décadas após Nina Rodrigues e se levando em consideração que o pesquisador pensa a sociedade com os instrumentos que lhes são próprios, referindo-se tanto às suas visões de mundo, quanto às preocupações institucionais e linguagens e autores de notoriedade em sua época. Nesse sentido, a proposta desta pesquisa consiste em compreender as representações das crenças religiosas afro-brasileiras no pensamento de Arthur Ramos.

Um breve levantamento bibliográfico acerca da produção acadêmica sobre Arthur Ramos, por meio do banco de teses da Capes², aponta para a existência de 27 trabalhos nos quais há a presença do nome de Arthur Ramos, mas em apenas 16 destes, ele figura como um dos objetos principais. Interessante notar que os trabalhos são realizados majoritariamente pelas Ciências Sociais (5 deles); seguidos pela Educação e Psicologia (3 por área); a História conta com apenas dois trabalhos, voltados às questões do racismo, preconceito e miscigenação; e por fim, a Psiquiatria, a Medicina Cirúrgica e Artes, apresentam respectivamente, um trabalho por área. Entre estas teses e dissertações, os temas de destaque consistem prioritariamente nas relações entre Arthur Ramos e seus estudos sobre a criança e a infância; seguindo pelas discussões sobre Higiene Mental; há discussões sobre mestiçagem, os negros no Brasil e Racismo; e um trabalho sobre arquivística. Sobre a questão das crenças religiosas, há dois trabalhos nos quais Arthur Ramos não é o objeto em si, mas é utilizado para ilustrar estudos pioneiros sobre o tema e visões patologizantes da medicina.

Exposto isto, é visível a carência de problematizações por parte da historiografia sobre o pensamento de Arthur Ramos, e mais ainda, sobre sua contribuição para os estudos das crenças religiosas afro-brasileiras. Embora seu nome sempre figure entre os estudiosos da temática, pouco se deteve nos escritos do autor, a fim de compreender como ele se apropria destas práticas para representá-las em algumas de suas obras, pensando as questões não apenas médicas e higienistas, mas também culturais de sua época. O pensamento de Arthur Ramos é apenas uma das possíveis chaves de leitura para pensarmos a relação entre

² Disponível em

<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Pesquisa.do;jsessionid=10330ED2E47000743A5BDD347D8089D6?autor=&tipoPesqAutor=T&assunto=arthur+ramos&tipoPesqAssunto=T&ies=&tipoPesqIes=T&nivel=&anoBase=>. Acesso: 19/04/2013.



ciência, ideias e crenças no que concerne a história e cultura afro-brasileira e os termos como ela foi pensada no Brasil.

Considerações teóricas

Exposta a possibilidade de pensarmos a relação entre ciência, ideias e crenças nos discursos dos intelectuais brasileiros que pensaram história a cultura afro-brasileiras, atentando especificamente para a contribuição de Arthur Ramos para os estudos das crenças religiosas afro-brasileiras, é preciso justificar que esta pesquisa tem áreas múltiplas de contribuição, atuando dentro da História das Ideias, da História das religiões e religiosidades, da História Cultural e da História e Cultura afro-brasileira, a medida que fornece reflexões importantíssimas à consolidação e ensino desta.

Atentando primeiramente a História das Ideias, Edgar Morin (2005 b), explica que o poder imperativo /proibitivo conjunto dos paradigmas, crenças oficiais, doutrinas reinantes, verdades estabelecidas, sugere os estereótipos cognitivos, preconceitos, crenças estúpidas não contestadas, absurdos triunfantes, rejeições de evidências em nome da evidência, e faz reinar, sob todos os céus, os conformismos cognitivos e intelectuais. Isso nos ajuda a refletir não apenas a forma que o conhecimento se organiza em Arthur, mas também em quem propõe a pesquisa. O processo sujeito /objeto /conceituador (MORIN, 2005 a), não se refere apenas a Arthur Ramos e as crenças religiosas africanas, refere-se ao pesquisador e o trato com as fontes, objetos e problemática. As ideias movem-se, mudam, apesar das determinações internas e externas que inventariamos. O conhecimento evolui, transforma-se, progride, regride. Crenças e novas teorias nascem enquanto outras, antigas, morrem. Quando ideias contrárias se enfrentam no espírito de um mesmo indivíduo, elas podem se anular reciprocamente, dando lugar ao ceticismo, ele mesmo fermento de atividade crítica e motor do debate de ideias; ou seja, provocar um *double bind*, contradição pessoal gerando uma crise espiritual, a qual estimula a auto-reflexão e suscita eventualmente uma busca de nova solução; ou seja, suscitar uma hibridização ou, melhor, uma síntese criadora entre ideias contrárias. (MORIN, 2005 b).

Ao trabalhar as ideias em Arthur Ramos acerca das crenças afro-brasileiras, há de se considerar que se para a concepção “idealista”, as ideias são independentes, ou mesmo soberanas, há também a concepção “sociológica”, que faz delas produtos de uma sociedade



hic et nunc . Cada uma dessas concepções é, em parte, verdadeira, porém falsa se pensadas como totalidade. Não há apenas condições históricas-sociais-culturais prescritivas para a ideia e para o conhecimento; há também condições permissivas que cedem lugar às autonomias individuais, à ideia nova, ao pensamento criativo. Além disso, há uma autonomia/ dependência do mundo das ideias dentro e “acima” da cultura. (MORIN, 2005 b).

Nesse sentido, há um diálogo efetivo entre História das Ideias e História Cultural, por entendermos que esta tem como principal objeto, identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler. (CHARTIER, 1990). O conceito de “representação” nos permite articular três modalidades de relação com o mundo social: primeiro, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos. Segundo, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição. E por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, por meio através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente à uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real. (CHARTIER, 1990, 2002).

O uso do conceito de “apropriação”, nos possibilita uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo à atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido é reconhecer que as inteligências não são desencarnadas, e que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1990, 2002).

Já o termo “visão de mundo” é tomado por Chartier de empréstimo à Lukács, definido como “conjunto de aspirações de sentimentos e de idéias que reúnem os membros de um mesmo grupo (de uma classe social, na maioria das vezes) e os opõem aos grupos”, ele permite fazer uma tripla operação: atribuir um significado e uma posição social aos textos literários e filosóficos; compreender os parentescos existentes entre obras de forma e natureza opostas e; discriminar no interior de uma obra individual os textos “essenciais”,



constituídos como um todo coerente, com o qual cada obra singular deve ser relacionada. Chartier explica que para L. Goldman, o conceito de visão de mundo reúne simultaneamente as funções que são as da utensilagem mental para Febvre e de habitus para Panofsky e Bourdieu. (CHARTIER, 1990).

É possível, assim, pensar como Arthur Ramos, partindo de sua visão de mundo que se relaciona com o poder imperativo /proibitivo conjunto dos paradigmas, se apropria de elementos das práticas afro-brasileiras para representá-las dentro de uma nova perspectiva que não deve ser compreendida a revelia do sujeito/observador/conceituador. A História das religiões e religiosidades surge, no entendimento de Smith (1967), acerca de que no caso de pesquisas sobre as religiões existentes e em atividade, elas não apenas afetam a concepção da crença estudada, mas também o método que se emprega. Isto que constitui um importante aspecto metodológico. Do estudo de uma religião diferente da própria crença se pode extrair um conhecimento de suas próprias instituições, formulações e história manifesta. Outro aspecto importante nos estudos comparados seria o questionamento acerca de para quem o livro foi escrito consciente ou inconscientemente. Além de que o que se escreve em parte está determinado pela experiência do autor e em parte, a experiência das pessoas as quais se dirige. Smith sublinha que o leitor ocidental de um livro ocidental que trate de alguma religião tida como exótica, tenderá cada vez mais a amigos asiáticos ou a experiência africana ou a responsabilidades internacionais. A pressão dos consumidores em favor da produção de estudos sobre as crenças de outros povos, já não apenas representa um interesse acadêmico ou uma curiosidade ociosa, mas a demanda de outra interpretação das pessoas com as quais se deve tratar.

Por fim, no que concerne aos estudos da História e cultura-afro brasileira, é importante ressaltar que muitos estudos foram realizados no Brasil sobre intelectuais católicos e intelectuais que pensaram o catolicismo, os intelectuais que pensaram as crenças afro-brasileiras, todavia, só se tornaram objetos de estudo, a medida que permitiam discutir, raça, miscigenação, progresso, civilização e ciência, deixando-se de lado o universo das crenças, representações, ideias e percepções de mundo.

Em minha trajetória acadêmica, tive a oportunidade de trabalhar com outro intelectual que se propôs a pensar as religiões africanas, Nina Rodrigues (1862-1906). Os estudos sobre esta questão me possibilitaram realizar duas iniciações científicas, uma monografia de especialização, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, demonstrando a viabilidade da proposta e possibilidade de firmar um conhecimento objetivo dentro da



História sobre o estudo das crenças religiosas afro-brasileiras por intelectuais brasileiros, e mais que isso, fornecer material de pesquisa acadêmica que pode ser revertido a suprir as carências de informações sobre História e Cultura afro-brasileira, que apesar de ser uma temática que perpassa toda a história do Brasil, desde 2003, vem sendo tratado como um tema novo.

Para finalizar, faz-se necessário ressaltar, que para a finalidade desta pesquisa entende-se por crença não o objeto do crer (um dogma, um programa, etc), mas o investimento de uma pessoa em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira, uma modalidade da afirmação e não o seu conteúdo. (CERTEAU, 2011).

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa consiste em compreender a relação entre ciência, ideias e crenças nos discursos dos intelectuais brasileiros que pensaram história a cultura afro-brasileiras. Mai especificamente, analisar as representações das crenças afro-brasileiras no pensamento de Arthur Ramos; contribuir ao estudo da História e Cultura afro-brasileira por meio da análise da produção intelectual de Arthur Ramos, mapear os conceitos utilizados por Arthur Ramos para pensar as crenças religiosas afro-brasileiras, investigar o contexto histórico da produção das ideias em Arthur Ramos sobre as crenças religiosas afro-brasileiras destacando suas interfaces multidisciplinares e; realizar um estudo voltado a sistematização do pensamento intelectual brasileiro voltado as crenças religiosas afro-brasileiras, priorizando os escritos de Arthur Ramos.

Considerações Metodológicas

Considerando a prática discursiva do historiador e uso de fontes escritas para esta pesquisa, pode-se recorrer a Michel de Certeau (2011) e sua reflexão acerca dos funcionamentos possíveis da ficção no discurso do historiador. Pretendo assim conjecturar os caracteres ficcionais atribuídos tanto a fonte quanto ao sujeito-pesquisador as diferentes formas de enunciação.

Inicialmente, por meio da ficção e da história, a historiografia ocidental se debateu entre história e histórias. Em sua luta contra a fabulação genealógica, contra os mitos e as lendas da memória coletiva ou contra as derivas da circulação oral, a historiografia criou um distanciamento em relação ao dizer e ao crer comuns. Ao fazer isto, instalou-se precisamente nessa diferença que a credencia como erudita, se distinguindo do discurso ordinário. Isto não significa, todavia, que o historiador diga a verdade, mas como se empenhasse em rechaçar o



que é falso ao invés construir o que é verdadeiro; ou ainda, como, muitas vezes, só consegue produzir a verdade ao rechaçar o erro, adquirindo assim um campo próprio. (CERTEAU, 2011).

A relação sequente está entre a ficção e a realidade. Por meio tanto do plano dos procedimentos de análise (exame e comparação dos documentos) quanto das interpretações (produtos da operação), o discurso técnico - capaz de determinar os erros característicos da ficção - autoriza-se a falar, por isso mesmo, em nome do real. Essa determinação implica uma dupla defasagem; por um lado, faz com que o real seja plausível ao demonstrar um erro e, ao mesmo tempo, faz crer no real pela denúncia do falso. A ficção seria transferida para o lado do irreal, enquanto o discurso tecnicamente armado para designar o erro estaria afetado pelo privilégio suplementar de representar o real. Contrariamente a este processo, estaria a relação entre ficção e a ciência, não sendo desconexa, uma vez que aquela teria em muito servido a esta para justificar seus interesses positivos. Por fim, haveria a relação entre a ficção e o “limpo”, no qual a primeira seria acusada de não ser um discurso unívoco ou, dito por outras palavras, de carecer de limpeza científica. A ficção sob suas modalidades míticas, literárias, científicas ou metafóricas seria o discurso que dá forma ao real sem qualquer pretensão de representá-lo ou ser credenciada por ele. (CERTEAU, 2011).

Pensando dessa forma, a ficção permanece essencial ao trabalho do historiador, seja pelo “real” produzido pela historiografia sem escapar aos condicionantes das estruturas socioeconômicas que determinam as representações de uma sociedade; seja pelo aparato científico que já não se distingue da narrativa prolixa e fundamental que é a historiografia cotidiana; ou seja, ainda, pelo vislumbre da relação do discurso com quem o produz de forma alternada, com a instituição profissional e com a metodologia científica. (CERTEAU, 2011).

Ao buscar-se compreender as representações das crenças religiosas afro-brasileiras no pensamento de Arthur Ramos por meio das obras *Estudos de Folk-lore: definição e limites/ teoria de interpretação* (1958) e *O Folk-lore Negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise* (1935) faz-se necessário buscar, também, respaldo metodológico em Le Goff (1994), segundo o qual, não existe um documento objetivo, inócuo ou primário. De acordo com essa posição vemos como indispensável a problematização, o questionamento, o diálogo com nossas fontes, que são expressão uma época, de um determinado modo e pensar e interagir com o mundo.

Le Goff (1994), afirma que a concepção do documento/monumento objetiva evitar que o historiador se desvie de seu dever principal: a crítica do documento enquanto monumento, pois só assim, a memória coletiva pode recuperá-lo e o historiador usá-lo cientificamente, ou seja, com o conhecimento de sua causa. Afinal, mais do que qualquer coisa que fica por conta do passado, o documento é produto da sociedade que o fabricou, de acordo com as relações de força que aí detinham o poder. Em síntese, o ideal é questionar o documento.

É preciso compreender o universo no qual o autor, no nosso caso Nina Rodrigues, está inserido. O que o leva a pensar de tal forma? Quais as particularidades de sua época podem ter colaborado para que assumisse esta posição? Quais foram suas influências teóricas e metodológicas? Como a sociedade em que está presente pensa os temas que ele aborda? Nem sempre é possível responder a tais questões, no entanto, “É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.” (LE GOFF, 1994, p.538).

Entendemos que para desmontar esta montagem “é preciso começar pela extinção das falsas transparências. Não do claro e do distinto, mas do que é obscuro e do que é incerto, não do conhecimento assegurado, mas da crítica da certeza” (MORIN, 2005, p.29). Hoje a nossa necessidade é encontrar um método que detecte e não que oculte ligações, articulações, solidariedades, implicações, imbricações, interdependências, complexidades. É preciso abandonar as obviedades, as coerências e certezas da obra de Nina Rodrigues e começar a questionar o duvidoso, o não dito, o contraditório, as oposições e contradições se quisermos apreender a complexidade de seu pensamento. É preciso, segundo Edgar Morin, aceitar a confusão se quisermos resistir a uma simplificação mutiladora.

Considerações Finais

Espera-se com esta pesquisa firmar dentro do campo da Historiografia uma preocupação voltada ao estudo dos intelectuais brasileiros que se voltaram às crenças africanas; demonstrar a necessidade em se considerar a relação crença/ ciência/ideias para o estudo da História e cultura afro-brasileiras; contribuir ao estudo e ensino da História e Cultura afro-brasileira por meio da análise da produção intelectual de Arthur Ramos; mapear os conceitos utilizados por Arthur Ramos para pensar as crenças religiosas afro-brasileiras;



investigar o contexto histórico da produção das ideias em Arthur Ramos sobre as crenças religiosas afro-brasileiras destacando suas interfaces multidisciplinares e realizar um estudo voltado a sistematização do pensamento intelectual brasileiro voltado as crenças religiosas afro-brasileiras.

Referências

Fontes Impressas:

RAMOS, Artur. Estudos de Folk-lore: definição e limites/ teoria de interpretação. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa do estudante do Brasil, 1958.

RAMOS, Artur. O Folk-lore Negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1935.

Bibliografia:

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo, Edunesp, 1997.

CERTEAU, Michel de. História e psicanálise: entre a ciência e a ficção. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre, Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leitura. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

CORRÊA, Mariza. As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil. 2.ed. Bragança Paulista, EDUSF, 2001.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 3.ed.Campinas: Ed. Da Unicamp, 1994.



MORIN, Edgar. O método I: a natureza da natureza. 2.ed. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre, Sulina, 2005 a.

MORIN, Edgar. O método IV: As idéias – habitat, vida, costume, organização. 4.ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, Sulina, 2005 b.

SERAFIM, Vanda Fortuna. O discurso de Raimundo Nina Rodrigues acerca das religiões africanas na Bahia do século XIX. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2010.